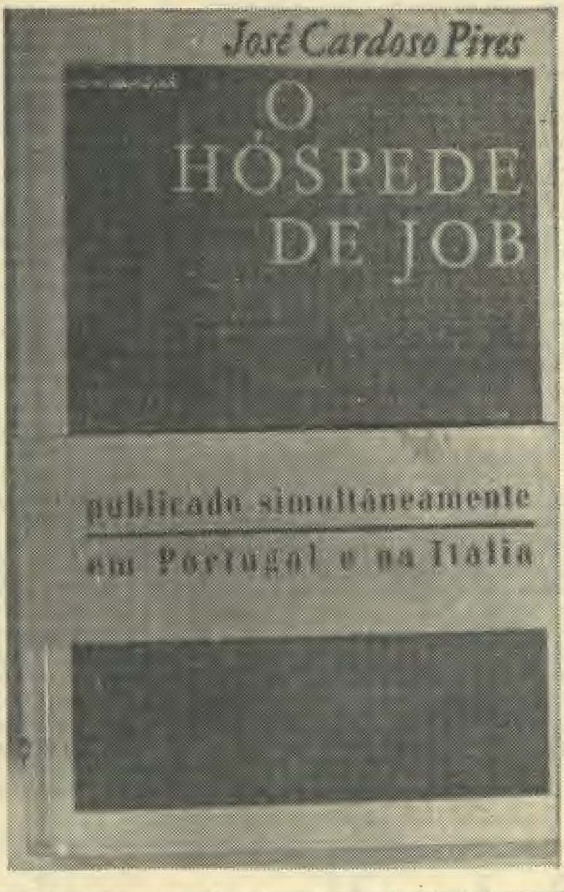
PROCESSOS MISERÁVEIS
DE PROPAGANDA NEO-REALISTA
OU A DIFAMAÇÃO DE PORTUGAL
COMO TRAMPOLIM DA MEDIOCRIDADE



A questão foi levantada pelo Diário do Norte, e documenta-se com as gravuras juntas: o último livro de José Cardoso Pires — O hóspede de Job — editado pela Arcádia, aparece envolvido por uma cinta que pimponamente o dizia editado simultâneamente em Portugal e na Itália. Ora, a edição italiana, também cintada, afirmava que la censura portoghese ha proibito questo romanzo, qualificando-se de prima edizione mondiale.

Exposto o caso pelo vespertino portuense, o total silêncio dos responsáveis — que, entretanto, aproveitaram gulosamente as críticas louvaminheiras de certos publicistas transalpinos cuja participação em todas as manobras antiportuguesas é por demais conhecida (como Giancarlo Vigorelli) — leva-nos a supor que é sua in-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Processos miseráveis de propaganda neo-realista

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAG.)

tenção deixar os factos caírem no esquecimento. E, além disso, estabelece uma tácita cumplicidade que é impossível ignorar — pois ninguém imaginará que ignorem quanto se passe. Isto é, digamo-lo claramente, José Cardoso Pires e a Arcádia sabem perfeitamente o que se passa, mas preferem fazer de conta que não é nada com eles, assim colaborando sem escrúpulos nesta manobra contra o nosso País. Porquê?

Ao conhecer-se o acontecido, afirmou-se em alguns meios afectos aos responsáveis que isso tinha sido feito pela casa Lerici editori de seu alvedrio e à revelia dos interessados portugueses. Não é fácil acreditá-lo — quando, além do mais, positivamente se sabe que os editores italianos mostraram cartas, recebidas de Lisboa, aconselhando-os a fazer o que fizeram — mas admitamo-lo, apesar de tudo. Se foi assim, por que motivo não manifestaram pùblicamente o seu repúdio de tão desbragada calúnia? Por que não fizeram saber, por todos os meios ao seu alcance, que era totalmente falso o chamadouro posto à edição italiana? Por que não procederam contra os autores da falsificação?

Estas questões, sem resposta, mostram a cumplicidade estabelecida, tornando José Cardoso Pires e os seus editores co-responsáveis pelo pretexto forjado para mais uma onda de mentiras contra Portugal; e não se pode esquecer que na Itália se encontra actualmente, uma das mais activas centrais da campanha antiportuguesa. Que motivos os levaram a proceder de tal sorte? Aí está uma incógnita que talvez não seja muito difícil extrair...

Por nossa parte, e sem querermos assegurá-lo, parece-nos que merece consideração a hipótese adiantada no título: deve, em presença dos factos, considerar-se assente que autor e editores aceitaram co-responsabilizar-se pela execrável manobra. Ao fim e ao cabo, dizer que o romance fora editado simultâneamente em Portugal e na Itália era boa isca para lograr papalvos, e dizer-se na Itália que o mesmo havia sido proibido pela censura portuguesa era assegurar propaganda escandalosa e crítica bajuladora de certos (e por demais conhecidos) publicistas e periódicos. Conclusão: embaía-se o imbecil e talvez, embora à custa da verdade e da dignidade intelectual, se conseguissem uns trocos suplementares, afestoando — um no bando que não passará à história literária — de europeis vermelhudos.

Assim se procura falsificar a vida literária portuguesa, lançando mão dos mais condenáveis processos para fojar de toutes pièces reputações míticas de medíocres empavoados. Às vezes, porém, quem o alheio veste na praça o despe...

VALLE DE FIGUEIREDO